

Na qualidade de Presidente do Grupo Parlamentar sobre População e Desenvolvimento, saúdo e agradeço a presença de todos, nesta apresentação que assinala a possibilidade de nos reunirmos de novo, neste auditório, com a participação de todos para debatermos em conjunto um tema da maior importância para a população mundial e para melhorarmos o cenário onde vivemos. O mundo!

Permitam-me uma referência especial ao UNFPA na Dra Mónica Ferro, à Organização não Governamental PD Factor na Dra Alice Frade e à Embaixadora da boa vontade Catarina Furtado, por terem escolhido a Assembleia da República, para a Apresentação Mundial em Portugal, do Relatório sobre a situação da População Mundial, em 2023 com o tema "8 mil milhões de vidas: possibilidade infinitas, assegurando direitos e escolhas".

É incrível ter-vos cá, estou muito grata.

Agradeço ao UNFPA pela oportunidade de conhecermos, em primeira mão, este importante documento que informa, esclarece e contribui, em especial para nós parlamentares, ajudando-nos a perspectivarmos políticas públicas.

Uma breve leitura do sumário executivo deste relatório, bandeira das Nações Unidas, remete-nos para a abordagem dos 3 D's que entendo necessária em contexto de desenvolvimento sustentável com as pessoas no centro das decisões:

Demografia, Direitos e Democracia. Estamos, por direito próprio, no órgão mais representativo da Democracia. Os Direitos humanos são os nossos direitos fundamentais, a realização desses direitos para todas as pessoas, sem exceção e com base em princípios de não discriminação, não violência e respeito pelas decisões individuais, são e sempre serão o foco do nosso trabalho. Criar as condições políticas, medidas adequadas e meios para que cada um, em concreto, se realize, sem paternalismos mas defendendo o seu potencial, incluindo em matéria de saúde sexual e reprodutiva. As pessoas, no caso específico as mulheres, não podem ver negado ou limitado o direito à maternidade desejada, e tem de ver assegurada a sua autonomia corporal. Por outro lado a Demografia é uma ciência que tem por base números, taxas, índices e projeções que interdisciplinarmente com outros ramos da academia, com agentes económicos e sociais e comunicação social, podem promover abordagens que aumentem o conhecimento, denunciem o populismo, a manipulação de factos que minam a liberdade, diminuem as oportunidades, as escolhas, o potencial transformador dos seus direitos...

Não há soluções fáceis para realidades complexas, quem o afirmar faz uso do D de demagogia. Precisamos de um novo discurso, mas também da coerência do discurso na prática.

As pessoas, a população não são um problema. O problema reside na discriminação e nas desigualdades nefastas entre pessoas, comunidades e países, reside na xenofobia, na dificuldade em romper velhos paradigmas com nova linguagem. Se em 1994 fomos coletivamente capazes de construir o Plano de Ação resultante da CIPD que ainda hoje integra o leque das mais inovadoras e perpétuas agenda das Nações Unidas, em que Portugal marcou presença, esperamos comemorar em 2024 os 30 anos deste marco histórico da cooperação mundial responsável, preparando este ano o GPPSPD, iniciativas que apoiem este marco global de desenvolvimento sustentável com realização de direitos humanos, incluindo os direitos sexuais e reprodutivos.

A população é dinâmica, em cada um e em todos os países. Até por isso, não devemos continuar a tolerar que em muitas comunidades as mulheres e as jovens continuem a contar os filhos mortos no pós-parto ou primeiros anos de vida, a desvalorizar o nascimento, a alimentação, a saúde e a educação de filhas ou dá-las em casamento para garantir mais comida na mesa ou menos uma boca a alimentar. Não podemos continuar a conviver com as altas taxas de mortalidade e morbidade materno-infantil e neonatal, em demasiados países do nosso mundo partilhado ou com as flutuações de recursos para os sistemas de saúde que esquecem a importância da contraceção, do parto assistido, da prevenção das IST, da promoção do bem estar com saúde mental, da proteção social da maternidade e parentalidade...

Não podemos tolerar manifestações de homofobia, misoginia, xenofobia que nos envergonham e criam verdadeiras injustiças.

Por fim deixo-vos apenas com 3 factos:

- 1) A demografia global está a mudar rapidamente: 2/3 das pessoas vivem em contextos de baixa fertilidade, enquanto oito países serão responsáveis por metade do crescimento previsto da população mundial até 2050 (República Democrática do Congo, Egipto, Etiópia, Índia, Nigéria, Paquistão, Filipinas e Tanzânia), reordenando o ranking mundial dos países mais populosos.
- 2) Culpar a fertilidade pelas alterações climáticas não responsabilizará os maiores emissores de carbono. Dos 8 mil milhões de pessoas, cerca de 5,5 mil milhões não ganham dinheiro

suficiente, cerca de 10 dólares por dia, para contribuir significativamente para as emissões de carbono.

- 3) Um estudo recente da ONU diz que uma maior paridade de género na força de trabalho faria mais para sustentar economias em sociedades envelhecidas e de baixa natalidade do que estabelecer metas para que as mulheres tenham mais filhos.

Vamos então ouvir o que nos diz este “8 mil milhões de vidas - infinitas possibilidades, assegurando direitos e escolhas”

Investir nas pessoas e no seu potencial é o caminho mais seguro para a prosperidade e a paz.

Maria Antónia Almeida Santos

Deputada pelo PS

Presidente do Grupo Parlamentar sobre População e Desenvolvimento